



Seminário reafirma importância da participação popular na elaboração das políticas públicas

Pág. 4



O talento das irmãs pelas oficinas de canto, violão e mídias sociais

Pág. 3



Natural do Marrocos, Eva se emociona ao relatar acolhimento que recebeu no primeiro dia de aula

Pág. 6



Lançamento de Guia Cidadão e debate sobre participação popular são destaques de seminário em Maricá



Exemplo de intersectorialidade aconteceu no dia 6 de agosto durante o 3º Seminário de Planejamento Estratégico, realizado pela Secretaria de Participação Popular, Direitos Humanos e Mulher de Maricá, no Rio de Janeiro. O encontro reuniu todos os servidores da secretaria, pela primeira vez na modalidade presencial, depois do início da pandemia de COVID-19.

O evento teve o objetivo de realinhar os trabalhos realizados pela Secretaria e organizar os próximos projetos. O encontro contou com a participação do prefeito Fabiano Horta, que ressaltou a importância da participação popular para a construção de políticas públicas, inclusivas e humanas.

Na ocasião, foi lançado o Guia Cidadão, revista que reúne informações sobre o trabalho de cada secretaria e autarquia do governo municipal e que será distribuído para a população como um instrumento de acesso à informação e mapeamento do alcance de políticas públicas implementadas pelo governo. No Guia Cidadão também é possível encontrar dados de todas as secretarias municipais.

As oficinas do Projeto Cultura de Direitos continuam atraindo a atenção dos moradores de Maricá. São histórias de transformação de vidas que se expandem e valorizam ainda mais o projeto.

As irmãs Beatriz, 14 anos, e Sofia, 11, não imaginavam a importância das oficinas de violão, mídias sociais e canto no dia a dia. As moradoras do Recanto eram tímidas, introvertidas e não interagiam muito com as outras pessoas. O interesse pela música começou com as histórias que elas ouviam sobre o bisavô, que tocava flauta e era apaixonado por música.

A marroquina Eva Idrissi, 33 anos, musicista e professora de violino, procurava atividades ou cursos para ocupar seu tempo durante a gravidez. O interesse era por uma ligação com a música. Quando soube das oficinas do Projeto Cultura de Direitos, ela não pensou duas vezes. O que não imaginou foi a interatividade perfeita com crianças e adolescentes.

“Fiquei encantada com todas as oficinas. Escolhi a oficina e a percussão, pela riqueza de conteúdo e ritmos

sensacionais. Era o que faltava no meu universo da música”, comemorou. O primeiro dia de aula foi inesquecível. Eva pensou até que tivesse entrado na sala errada.

“Quando vi crianças e adolescentes, pensei que tinha errado a sala. Ainda bem que não, a acolhida foi emocionante. Eles me incentivam o tempo todo. É maravilhoso”, festejou.



EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publicação Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colaboração nº 01/2018/Termo Aditivo nº 04/2021 / Endereço da Sede do Programa: Rua Pereira Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalista: Marcos Galvão RP: 17.356-RJ \ Textos: Edir Lima 17.515 JP / Assessor de Comunicação: Sergio Henrique/ Diagramador: Alexandre Campos/ Fotografia: arquivos do programa e da secretaria e Alexandre Campos / Impressão: C.W.V. Gráfica Editora e Bazar Eireli/ CNPJ 73.668.675/0001-87/, Avenida Beira Mar, 232, Aquarius (Tamoios), Cabo Frio, CEP 28.925-852/ Inscrição Municipal 10033568/ Tiragem 50.000 (cinquenta mil).

Irmãs comemoram a transformação no dia a dia gerada pelas oficinas



” Quando o aluno não está bem, o instrutor procura saber do problema, acolhe e orienta ”

As irmãs Beatriz, 14 anos, e Sofia, 11, não imaginavam que as oficinas de Violão, Mídias Sociais e Canto iriam transformar suas vidas. As moradoras do Recanto eram tímidas, introvertidas e não interagiam muito com as pessoas. O interesse pela música começou com as histórias que ouviam sobre o bisavô, que tocava flauta e era apaixonado por música.

“As histórias sobre o meu bisavô despertaram o meu interesse pela música. Desde criança queria aprender a tocar violão. Quando fiz a matrícula, logo no primeiro dia foi maravilhoso. A música me traz conforto nas horas boas e ruins. E o violão proporciona vários estilos: rock, pop, samba, entre outros. A oficina mudou o meu comportamento para melhor”, comemorou Beatriz.

Aluna do 9º ano do Ensino Médio, ela apontou a dedicação dos instrutores, além do conteúdo das aulas, como o motivo do sucesso das oficinas.

“Quando o aluno não está bem, o instrutor procura saber do problema, acolhe e orienta. Isso conforta e melhora a autoestima. Já aconteceu comigo e me senti bem melhor. Isso, sem falar que eu era tímida e hoje sou mais comunicativa”, comparou Beatriz.

A irmã, Sofia, ressaltou que as oficinas de Canto e Mídias Sociais também a ajudaram a se socializar mais com a família e amigos.

“Ainda não escolhi uma profissão para o futuro, mas quero muito aproveitar a oficina de Mídias Sociais para conhecer várias ferramentas que serão muito úteis

como suporte para os estudos e para qualquer profissão que escolher. Já o canto vem do interesse pela música que tenho desde criança”, apontou Sofia, aluna do 6º ano do Ensino Médio.

Sofia lembrou do apoio do pai quando ela optou pela oficina de Mídias Sociais.

“Meu pai pensou logo no que a oficina de Mídias Sociais proporcionou, gerando melhores oportunidades de emprego e na interação entre as pessoas”, observou.

Seminário debate importância de participação popular na construção de políticas públicas



A Secretaria de Participação Popular, Direitos Humanos e Mulher de Maricá realizou no dia 6 de agosto o 3º Seminário de Planejamento Estratégico, com a presença de todos os servidores da secretaria, após o início da pandemia de Covid-19, que colocou as pessoas no mundo inteiro em isolamento social.

O reencontro foi importante para realinhar os trabalhos realizados pela Secretaria e organizar os próximos projetos. A intersectorialidade foi a palavra-chave do debate, que gerou ideias e políticas públicas, reforçando a participação popular dos cidadãos.

O seminário foi iniciado com uma apresentação musical dos instrutores do Programa Cultura de Direitos. O encontro contou com a presença do prefeito Fabiano Horta, que ressaltou a importância da participação popular para a construção de políticas públicas, inclusivas e humanas.

Neste espaço de projeção e debate também foi lançado o Guia Cidadão, revista que reúne informações sobre o trabalho de cada secretaria e autarquia do governo municipal. O Guia Cidadão será distribuído para a população como um instrumento de acesso à informação e mapeamento do

alcance de políticas públicas implementadas pelo governo e as atividades desenvolvidas por cada secretaria.

O seminário teve a apresentação do trabalho das seguintes coordenadorias:

- Coordenadoria de Povos Indígenas: destacou o acompanhamento e as políticas públicas necessárias e possíveis de serem implementadas nas aldeias indígenas, localizadas nos bairros de Itaipuaçu e São José do Imbassá.
- Coordenadoria Étnico-Racial: debateu a





os devidos cuidados com a segurança, realizou oito movimentos sociais e três fóruns, fazendo o uso da Casa ser frequente. O local reúne os Conselhos da Criança e do Adolescente, de Assistência Social e do Conselho de Dependência Química e ao Uso Abusivo de Álcool e outras Drogas.

Durante o evento ocorreu a apresentação do Programa Cultura de Direitos e o trabalho que está sendo realizado pelos agentes dos Comitês de Defesa dos Bairros.

A apresentação dos coordenadores foi através de fotos, vídeos e relatórios, essenciais para realinhar a intersetorialidade. O evento foi finalizado com o discurso do secretário de Participação Popular, Direitos Humanos e Mulher, João Carlos de Lima, conhecido como Birigu, que reforçou o sentimento de unidade da equipe.

Também participaram do seminário o vereador Hadesh, os secretários de Comunicação, Márcio Jardim, de Cultura, Sady Bianchin, de Planejamento e Gestão, Leonardo de Oliveira Alves, de Administração, Maria José de Andrade, da Controladoria Geral, Joab Santana de Carvalho, o presidente da Companhia de Desenvolvimento de Maricá (Codemar), Olavo Noletto, a coordenadora da Brigada Civil, Maria Gomes, Joaquim Pinheiro, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Rodrigo Mondego, da OAB RJ e do Conselho Estadual de Direitos Humanos, e Carol Proner, da Associação Brasileira de Juristas pela Democracia.

importância das políticas de enfrentamento ao racismo e o acompanhamento da população do Haiti, que buscou na cidade de Maricá a possibilidade de um lar. Garry Ulisse apontou a igualdade e sentido de internacionalismo, ressaltando que somos todos um só povo no mundo.

- Coordenadoria de Juventude: mostrou a importância da participação da juventude na construção de políticas públicas, principalmente nas periferias, onde há um aumento no índice de violência para essa população.

- Coordenadoria de LGBT: debateu a importância do combate cotidiano à homofobia que, assim como os casos de violência contra as mulheres, vem crescendo em meio à pandemia. A

coordenadoria, em parceria com outros órgãos do município, vem se empenhando em conseguir cestas de alimentos para serem doadas para a população LGBT em situação de vulnerabilidade.

- Coordenadoria de Políticas para Mulheres: apresentou o acolhimento às mulheres vítimas de violência doméstica, além do trabalho constante da autonomia e empoderamento das mulheres e da Casa de Passagem, que será inaugurada em breve, possibilitando às mulheres vítimas de violência que tenham um espaço de acolhimento.

- Casa dos Conselhos: inaugurada no fim de 2019, antes do primeiro decreto de isolamento social, mostrou que, mesmo com as medidas de isolamento e tomando



Marroquina lembra da acolhida que recebeu no primeiro dia de aula: 'Marcou a minha vida'



Natural do Marrocos, país do Norte da África, Eva Idrissi, 33 anos, musicista e professora de violino, procurava atividades ou cursos para ocupar seu tempo durante a gravidez. O interesse era por uma ligação com a música. Quando soube das oficinas do Projeto Cultura de Direitos, ela não pensou duas vezes.

“Fiquei encantada com todas as oficinas. Escolhi a oficina de percussão pela riqueza de conteúdo e ritmos sensacionais. Era o que faltava no meu universo da música. E optei pela capoeira por ser completa, como atividade, música e história. Fiquei muito bem servida, especialmente na interação com as pessoas”, comentou.

O primeiro dia de aula foi inesquecível. Eva pensou que tinha entrado na sala errada.

“O primeiro dia de aula é difícil para muita gente. Mas, a acolhida foi maravilhosa. Era uma turma de crianças e adolescentes. Fiquei surpresa com a receptividade. Todos vieram me abraçar, inclusive os

professores. Marcou a minha vida”, avaliou.

Nem mesmo a pandemia desanimou a moradora de Pedreiras. Ela elogiou a plataforma das videoaulas, lembrando do nível do conteúdo e dos professores.

”
Mas a história e a música dessa atividade são preciosas e mantêm todo o interesse e motivação para as aulas
”

“Você pensa que vai desanimar com a ausência das aulas presenciais, mas o nível

das videoaulas é ótimo. Muita informação, os professores são muito atenciosos e ainda tem o suporte de Whatsapp para tirar as dúvidas”, destacou.

Eva lembra que diminuiu o ritmo de movimentos na capoeira por conta da gravidez.

“Mas a história e a música dessa atividade são preciosas e mantêm todo o interesse e motivação para as aulas”, frisou.

A marroquina elogiou o trabalho dos agentes sociais na divulgação do projeto.

“As oficinas geram cultura, educação e interatividade. Principalmente crianças e adolescentes precisam cada vez mais desses fatores para evoluir. Além de apresentar o projeto, os agentes destacam a importância das oficinas para o futuro. Isso desperta o interesse e motiva as pessoas a procurar as oficinas. A cidade ganha muito com isso”, analisou.

Aluno já projeta o futuro com o conhecimento que adquire na oficina de percussão



Aprender percussão sempre foi um sonho para Gabriel Costa dos Santos, 16 anos. Até os 13 anos, ele mostrava o seu talento nas panelas de casa ou no que fizesse barulho e aguentasse as suas batucadas. Tudo isso era inspirado no pai, percussionista e ex-integrante de um grupo de pagode.

O sonho começou a virar realidade quando soube das oficinas do Projeto Cultura de Direitos. No dia da matrícula, ele se inscreveu também na capoeira.

“Fiquei realizado na hora da matrícula. A percussão está no sangue. Meu pai é percussionista, minha mãe, avó, toda a minha família, enfim, eles amam a percussão. Meu caminho não poderia ser outro. E a capoeira não fica atrás. É um esporte que eu me identifico demais”, revelou. Gabriel contou que as oficinas mudaram o seu comportamento dentro e fora de casa.

“Eu era tímido e desligado, ganhei maturidade. Meus pais me ensinaram a ser educado e respeitoso com as pessoas. Mas eu não interagia muito. As

”**Passei a cantar melhor e a receber mais convites para fazer shows**”

orientações que recebi de instrutores e coordenadores das oficinas corrigiram isso. Passei a me comunicar melhor com as pessoas. Tenho gratidão por essa transformação”, enfatizou.

O aluno já vive até a expectativa de ganhar dinheiro com o conhecimento que adquire na oficina de percussão.

“Já toco vários instrumentos e estou atrás de trabalho. Quem sabe a oportunidade aparece mais cedo. Continuo na oficina para aumentar ainda mais o meu conhecimento. O nível do projeto é o melhor possível. É uma excelente oportunidade para a população. Recomendo”, disse, com propriedade.

Gabriel elogiou o trabalho dos agentes sociais na divulgação das oficinas. “Muita gente acha bobeira. Pensa que não tem valor porque é de graça. Se fosse bobeira, a escola também não prestaria. Os agentes sociais são importantes na apresentação do projeto, o que pode significar o futuro para muita gente”, explicou.

Performance adquirida na oficina de Canto pode mudar planos de aluna para o futuro



Pâmela Teixeira Santos, 20 anos, comemora a evolução que teve no coral da Igreja que frequenta, com as aulas de canto da oficina do Projeto Cultura de Direitos. A operadora de caixa ressaltou que as técnicas vocais assimiladas foram fundamentais para a sua performance. Elogio é o que não falta receber a cada culto.

“Fiz a matrícula com o objetivo de melhorar a minha voz. Com uma semana de aula já sentia a diferença. Aprendo muito com a instrutora Belle. Ela e a coordenadora Andreia são muito carinhosas com os alunos. Quando percebem que o aluno está com problema pessoal, procuram orientar e melhorar a autoestima. Isso não tem preço”, comentou.

Segundo Pâmela, a paixão pela música, especialmente depois de entrar para a

oficina de Canto, pode mudar seus planos para o futuro. Aluna do curso técnico de Radiologia, ela pensava há pouco tempo em levar o aprendizado da oficina como uma segunda atividade no Ministério de Louvor.

“Quero fazer o curso técnico e começar logo a trabalhar. Essa é a minha meta a curto prazo. A música pode vir em seguida. Quem sabe, profissionalmente. Não está descartado, pelo contrário. Canto desde criança e pode ser uma opção para o futuro”, adiantou a aluna, que apontou a oficina de Canto como responsável por ela interagir mais com as pessoas. “Era muito tímida. Hoje sou mais comunicativa e determinada”, frisou.

Pâmela lembra ainda da importância das oficinas para crianças, adolescentes e adultos.

”
As oficinas
têm o poder de
transformar
vidas
”

“As oficinas têm o poder de transformar vidas. Aconteceu comigo, já que eu era tímida. Já presenciei acontecer com outras pessoas que não sabiam que tinham talento para a música e descobriram isso durante as aulas. São oportunidades para o futuro, e oferecidas de graça. Sem falar na acolhida que se recebe aqui. Isso é muito importante”, elogiou.